

VIDA, VITALIDADE E ESPIRITUALIDADE: TEOLOGIA E LITERATURA EM MACHADO DE ASSIS

Douglas Rodrigues da Conceição*

Resumo

Depois da recepção do pensamento nietzschiano, sobretudo, com o problema da morte de Deus nos espaços da modernidade, o pensamento teológico, diante do colapso e superação da metafísica, perde a direção e sustentação de seu discurso acerca de Deus. A morte de Deus pôde apontar para um esvaziamento total da compreensão do divino como o lugar de efetivação e manutenção causadora, de correção do caráter aporético do real e de fundamentação absoluta de princípio. Admitimos, inicialmente, que parte da literatura do século XIX, frente ao impacto provocado sobre o pensamento teológico e seu evidente "silêncio" através do legado nietzschiano, configura-se como lugar que abriga novas possibilidades do falar sobre Deus, a partir da dimensão antropológica que emerge desses textos literários. Nosso olhar hermenêutico foca-se no legado machadiano, sobretudo, no que denominamos sua trilogia (*Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*). De tais romances eclode uma reorientação humana que se direciona ao transcendente, todavia, sem exceder os limites da vida imanente. Dessa forma, embora nos distanciando das formulações dogmáticas da teologia tradicional, seremos partidários do conceito de *transcendência imanente* de Jürgen Moltmann, que possibilita a busca e o encontro com o transcendente nos limites do mundo possível. Esta interface circunscreve-se dentro dos crescentes diálogos travados entre teologia e literatura.

Palavras-chave

Deus; Espiritualidade; Finitude; Vida, Vitalidade

Abstract

After the reception of Nietzsche's thought, especially with the problem of the death of God in the spaces of modernity, the theological thought, before the collapse and the overcoming of metaphysics, loses the direction and the foundation of its discourse about God. The death of God could point to an emptying of the understanding of the divine as the place of effective maintenance, of correction of the aporetic character of the real and of absolute grounds of principle. We assume initially that part of the nineteenth century literature, against the impact set on theological thinking and its apparent 'silence' through Nietzsche's legacy, appears as a place that holds new possibilities of speaking about God, from the anthropological dimension that emerges from these literary texts. Our hermeneutic eye focuses on Machado's legacy, especially in what we call his trilogy (*Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Bras Cubas* and *Memorial de Aires*). In such novels arises a human reorientation which directs itself to the transcendent, yet without exceeding the limits of immanent life. Thus, although distancing ourselves from the dogmatic formulations of traditional theology, we shall support the concept of *immanent transcendence* of Jürgen Moltmann, which allows searching and finding the transcendent in the limits of the possible world. This interface is limited within the growing dialogues between theology and literature.

Keywords

Finiteness; God; Life; Spirituality; Vitality.

* Departamento de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade do Estado do Pará – UEPA – 66113-200 – Belém – PA – Brasil. E-mail: abismos@gmail.com

Introdução

O cenário acadêmico contemporâneo parece desejar a construção de debates e a produção do conhecimento a partir de uma demanda interdisciplinar. A busca pelas inter-relações acentua-se nos dias de hoje, culminado numa quebra harmônica das fronteiras disciplinares. O cruzamento de saberes, aqui representado pelo diálogo teologia e literatura, apresenta-se, no despontar do século XXI, como horizonte de uma importante articulação interdisciplinar. A proposta deste artigo determina-se nas possíveis confluências entre a teologia e a literatura. Se for possível uma aproximação entre elas, essa aproximação dar-se-á pela convergência temática. Os temas da literatura são, também, os temas da teologia. Adotaremos como princípio a seguinte questão: a literatura da transição século XIX - XX configura-se como *locus* do refluxo do tema "Deus", após as aparições das chamadas filosofias da suspeita, sobretudo, a partir da recepção do pensamento nietzschiano. Traremos para a discussão três romances machadianos (*Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*) como lugar da nova reorientação humana que busca a transcendência na imanência.

A morte de Deus como crítica à teologia cristã

Os problemas advindos do mundo iluminista e suas críticas à religião parecem submeter a teologia a um processo de segregação e mutilação de seu pressuposto fundador: Deus. A filosofia de Nietzsche, acompanhada de sua crítica ao cristianismo, despeja literalmente sobre o pensamento teológico e metafísico, durante o séc. XIX, uma pá de cal, "decretando", dessa forma, a morte de toda tentativa de explicação acerca da realidade com base no fundamento último de todas as coisas: Deus. O maior eco do anúncio da morte de Deus em Nietzsche surge na obra *A gaia ciência* (2001), aforismo 125:

O homem louco – Vós não ouvistes falar daquele homem desvairado que em plena manhã luminosa acendeu um candeeiro, correu até a praça e gritou ininterruptamente: "Estou procurando Deus! Estou procurando Deus!" – Uma vez que lá se encontravam muitos dos que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Será que ele se perdeu? – dizia um. Ou será que ele está se mantendo escondido? Será que ele tem medo de nós? Ele foi passear de navio? Passear? – assim eles gritavam e riam em confusão. O homem desvairado saltou para o meio deles e atravessou-os como seu olhar. "Para onde foi Deus?" – ele falou. Gostaria de vos dizer: Nós o matamos – vós e eu! Nós todos somos assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? O que fizemos ao arrebentarmos as correntes que prendiam esta terra ao seu sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos? Não caímos continuamente? E para trás, para os lados, para frente, para todos os lados? Há ainda um alto e um baixo? Não erramos como que através de um nada infinito? Não nos envolve o sopro do espaço vazio? Não está mais frio? Não advém sempre novamente a noite e mais noite? Não precisamos acender candeeiros pela manhã? Ainda não escutamos nada do barulho dos covéis que estão enterrando Deus? Ainda não sentimos o cheiro da putrefação de Deus? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus permanece morto! E nós o matamos! Como nos consolamos, os assassinos entre todos os assassinos? O mais sagrado e poderoso que o mundo até aqui possuía sangrou sob nossas facas – quem é capaz de limpar este sangue de nós? Com que água poderíamos nos purificar? Que festejos de purificação, que jogos sagrados não precisaremos inventar? A grandeza desse ato não é grande demais para nós? Nós mesmos não precisamos nos tornar deuses para que venhamos a aparecer como apenas dignos deste ato? Nunca houve ato tão grandioso – quem quer que nasça depois de nós pertence por causa deste ato a uma história mais elevada do que toda história até aqui! O homem desvairado silenciou neste momento e olhou novamente para os seus ouvintes: também eles se encontravam em silêncio e olhavam com estranhamento para ele. Finalmente, ele lançou seu candeeiro ao chão, de modo que este se partiu e apagou. "Eu cheguei cedo demais" – disse ele então – "eu ainda não estou em sintonia com o tempo. Este acontecimento extraordinário ainda está a caminho e perambulando – ele ainda não penetrou nos ouvidos dos homens. O raio e a tempestade precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, atos precisam de tempo, mesmo depois de terem sido praticados, para serem vistos e ouvidos. Este ato está para os homens mais distante

do que o mais distante dos astros: e porém, eles o praticaram!” – Conta-se ainda que o homem desvairado adentrou no mesmo dia várias igrejas e entoou aí o seu *Requiem aeternam deo*. Acompanhado até a porta e questionado energicamente, ele retrucava sem parar apenas o seguinte: “O que são ainda afinal estas igrejas, senão túmulos e mausoléus de Deus?” (NIETZSCHE, 2001, p. 147-148).

Nasce da experiência da morte de Deus um processo de desvalorização dos simulacros e, como consequência, a absolutização daquilo que, outrora, fora transformado em fábula: mundo verdadeiro. Entretanto, não se pode simplesmente abandonar o falar sobre Deus. Como deixar de falar de Deus depois das severas críticas proferidas por Nietzsche?

As reações do pensamento teológico parecem não possuir antídotos ao efeito do pensamento nietzschiano e partem para as reformulações teológicas conservadoras, a partir de um conceito de Deus cada vez mais vazio e sem sentido. Somente na segunda metade do século XX, percebe-se que a literatura da transição (séculos XIX - XX) capta com riqueza de detalhes tal problemática. O caráter (auto)conservador, criador de sentido a partir do próprio humano, também pode ser visto como uma exigência do próprio advento antropológico diante de um esfacelamento das antigas cosmovisões.

A literatura machadiana se encarna nesse movimento ao apresentar ressonâncias desse ambiente através de suas personagens. O romance *Dom Casmurro*, do ano de 1899, revela o desmoronamento do conceito “Deus” diante da vida humana, uma vez que essa vida, a partir de agora, se pretende autônoma e criadora de seu próprio sentido. Esse movimento, que admito ser um movimento circular naquilo que denomino trilogia machadiana, inicia-se com a relação Homem/Deus no romance *Dom Casmurro*, passando pela pergunta acerca da existência e pelo sentido da vida em *Brás Cubas*, culminando, então, no desencantamento de Aires no romance que carrega seu nome. Movimento semelhante se dá em autores de escrita alemã como Rilke. *O livro de horas* ao lado de *As histórias do bom Deus* parecem ainda pretender recuperar certo discurso acerca de Deus. (KUSCHEL, 1999, p. 213). Todavia, *As elegias de Duíno* apresentam traços de um mundo que segue uma nova reorientação, sem recuperar, de uma forma ou de outra, o falar sobre Deus. A aproximação entre a literatura machadiana e autores alemães como representação do que denomino literatura de transição, perpassa, em princípio, pela referência a uma crise espiritual generalizada causada pela tentativa de superação da metafísica. Entretanto, tais literaturas apresentam um efeito reverso ao abrigarem certo discurso acerca de Deus e, também, por lhe darem nova face. Teologicamente, nossa hipótese central reside na afirmação de que tais literaturas exigem uma nova configuração de Deus a partir de uma perspectiva da imanência. A reorientação humana em direção a Deus, num plano horizontal (Transcendência Imanente), exigirá que a experiência se dê nos limites da vida e da plena imanência. Portanto, entendemos que o trabalho da teologia é o de explicar a experiência humana (dentro ou fora do âmbito da Igreja) e, por isso, somos partidários do pensamento de Paul Tillich (2001), ao defender que na cultura também há teologia. Nesse sentido, compreendemos o porquê de a constituição pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II, dar uma importante ênfase à literatura e às artes:

A literatura e as artes são também, segundo a maneira que lhe é própria, de grande importância para a vida da Igreja. Procuram elas dar expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência de suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas misérias e alegrias e necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor. Conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob muito diferentes formas, segundo os tempos e lugares. Por conseguinte, deve trabalhar-se por que os artistas se sintam compreendidos, na sua atividade, pela Igreja e que gozando duma conveniente liberdade, tenham mais facilidade de contatos com a comunidade cristã (COSTA, 1997, p. 618-619).

A crítica à esfacelada compreensão do conceito de Teologia

O conceito clássico de teologia parece não dar conta das questões humanas que surgem em consequência de um mundo aparentemente colapsado e sem sentido. Esse conceito, historicamente, circunscreveu-se no âmbito eclesiástico. Classicamente, a teologia pode ser entendida como processo de sistematização dos conteúdos da fé cristã. Fazer teologia cristã equivale a dar resposta à fé cristã no âmbito de um comprometimento científico. (BOFF, 1998, p. 14). A teologia, portanto, não produz experiências de fé, mas as torna possíveis. Quanto à literatura, ao longo de sua história, destacando sua elevada importância, a partir de seus diferentes usos e papéis no ocidente, parece-nos que ela, em maior grau, foi destacada para as esferas da fruição e do devaneio, e não para um lugar de hermenêutica da existência. (MAGALHÃES, 2000, p. 49 - 50). Ricoeur (1988) nos ajuda a compreender essa afirmação ao dizer que:

Ficção e poesia visam ao ser, mas não mais sob o modo do ser-dado, mas sob a maneira do poder ser. Sendo assim, a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real (RICOEUR, 1988, p. 57).

Entretanto, não é com o conceito de teologia – aquele que aprisiona os temas da fé dentro da teologia da Igreja – nem com o de literatura – aquele que destaca os temas literários da dinâmica da vida – que pretendemos operar. Para o esclarecimento do mistério da condição humana que se revela na literatura – questão central do diálogo teologia e literatura –, procuraremos operar com uma noção de teologia que confere mérito à percepção tillichiana de revelação. Tillich (2001) defende que o Incondicional está sempre ativo e espera ser redescoberto além das fronteiras da comunidade eclesial. Em nossa ótica, essa perspectiva teológica implica, entre outras coisas, a reformulação de um conceito de teologia que possa abarcar o que excede, o que transborda, o que a fé cristã e sua seleção de temas e conceitos rígidos não são capazes de dizer e compreender dentro de um ambiente específico e historicamente construído. A possível dimensão teológica emergida diante e dentro do que nomeio ser uma literatura de transição (séculos XIX - XX) impõe desafios à teologia clássica à medida que seus conceitos, sobretudo, o conceito de Deus enquanto elemento solucionador de toda aporia/fundamento, não oferecem explicações do estado daquele ambiente. Essa literatura, portanto, (poetas e escritores da época) recepciona o reflexo de Deus e temas advindos da fé, imputando-lhes novas exigências conceituais e novo(s) sentido(s), logo, um repensar teológico.

Teologia e literatura em Machado de Assis

O que admitimos ser uma nova reorientação humana nasce da literatura Machadiana a partir de três romances, a saber: *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*. O romance de 1899, *Dom Casmurro*, na análise conjunta que fazemos das três obras, aponta diretamente para as novas cosmovisões humanas surgidas da crise espiritual, à luz da recepção do pensamento Nietzscheano. Tentando nos distanciar das diversas especulações realizadas pela crítica literária machadiana, que envolveu o romance *Dom Casmurro* em temas novelescos – por exemplo, até hoje se discute a questão do adultério –, afirmaremos que a porta de entrada para o texto não é outra senão pela promessa, capítulo XI do romance.

A PROMESSA

Tão depressa vi desaparecer o agregado no corredor, deixei o esconderijo, e corri à varanda do fundo. Não quis saber de lágrimas nem da causa que fazia verter a minha mãe. A causa eram provavelmente os projetos eclesiásticos, e a ocasião destes é a que vou dizer, por ser já então história velha; datava de dezesseis anos.

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se

fosse varão, metê-lo na Igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar a luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, sentiu o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 819 - 820).

Na promessa, temos uma relação revelacional do Deus da fé clássica com o lugar de efetivação dessa relação, o humano, D. Glória. Ela promete Bentinho à Igreja, se esse nascesse com vida. Ainda na adolescência, Bentinho toma conhecimento da promessa, todavia, sua vida nesse momento já é regida não por uma ordem mantenedora de toda causa, mas por um ideário autônomo, dionisíaco, que deseja uma vida criativa a partir dela mesma, ou seja, deseja a efetivação da pura imanência: Capitu.

Em *Brás Cubas*, o tema que atravessa a obra, em nossa ótica, é a apologia à vida. Cubas revela essa condição ao perceber que a vida tende à finitude. A finitude não revela uma perspectiva niilista diante da vida, mas a consciência da possibilidade de se (auto)conservar, porque a personagem sabe que "Estar aqui é magnífico" (RILK apud MOLTSMANN, 1998, p. 89). A revelação nasce do capítulo II, "O emplasto".

O EMPLASTO

[...]

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 515).

No romance de 1908, *Memorial de Aires*, a revelação da crise generalizada de que falamos também se dá com a consciência da finitude. Essa condição que evoca certo niilismo tem como fio condutor a velhice do conselheiro, que o remete à impossibilidade de explodir em direção à vida, frente à angústia provocada pela incapacidade de amar. Fidélia torna-se irrealizável para o velho conselheiro.

25 de janeiro

I can give not what men call love.

Assim disse comigo em inglês, mas logo respondi em prosa nossa a confissão do poeta, como um fecho da minha composição: eu não posso dar o que os homens chamam amor... e é pena! (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 1.104).

A centralidade antropológica que se evidencia nas obras aqui tratadas nos remete a considerar o tema da vida a partir da pura imanência. Não há alternativa para fugir dessa condição. Em *Dom Casmurro*, o processo de libertação da promessa se dá pela troca (*escobaderie*). Escobar tem a ideia da substituição de Bentinho por um menino qualquer. A quebra da promessa despeja sobre a vida de Bentinho uma dose insuportável de autonomia, que transforma seu mundo em um mundo sem sentido. Entretanto, a ausência de sentido se revela como certa inabilidade em lidar com as novas cosmovisões. O mundo de Bentinho não é mais regido por Deus. O Deus da promessa é morto.

Aqui, percebemos, com maior força, uma das três dimensões antropológicas tratadas por Nietzsche, no aforismo 125 da obra *A gaia ciência*, "O homem louco", o personagem principal sai pela rua com um candeeiro procurando Deus: caráter de correção de toda aporia estabelecida no real. Bentinho sucumbe à força da autonomia por não conseguir suportar a perda de todo horizonte mantenedor, pois, ao descumprir a promessa, cometeu o assassinato do Deus da vida. Entretanto, o que anteriormente considerávamos serem as consequências mais funestas, diante da vida de encantos pretendida por Bentinho – como, por exemplo, as consequências que verificamos no caso do homem louco nietzscheano, a saber: o não reconhecimento do outro; o estabelecimento de uma condição niilista no fim da vida; a perda da noção de reconhecimento do mundo natural por não reconhecer o mar como um ente e, por isso, sentir ciúmes –, torna-se, portanto, a possibilidade de encontrar um princípio que aponte a transcendência na imanência.

Cubas, Aires e Bentinho podem ser vistos como exemplos vivos da condição humana que busca a transcendência imanente, embora se apresentem em trânsito

para efetivação dessa condição. Eles sabem que toda experiência precisa se dar nos limites do sensível, não mais além dele. O amor à vida imanente é o que chamamos de "Vitalidade". Na vida só pode haver lugar para os processos de intensificação da própria vida. Isto se constitui numa verdadeira "Espiritualidade". Vitalidade e Espiritualidade são categorias teológicas que aproximam o ser humano do mundo da real existência. Vitalidade é Espiritualidade e, por isso, são elementos indissociáveis.

CONCEIÇÃO, D. R. da. Life, Vitality and Spirituality: Theology and Literature in Machado de Assis. **Olho d'água**. São José do Rio Preto, v.1, n.2, p. 93 - 98, 2010.

Referências

BOFF, C. *Teoria do método teológico*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, P. L. (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

KUSCHEL, K-J. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura e diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MOLTMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MACHADO de ASSIS, J. M. *Obra completa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

TILLICH, P. *Dinâmica da fé*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.